

**Imagens múltiplas –
As Ruínas e as diferentes possibilidades de apreensão da paisagem urbana**

Beatriz Rodrigues Ferreira *

Resumo: Através desta apresentação, visa-se problematizar alguns pontos refletidos em uma pesquisa anterior sobre Ruínas. Nesta, buscou-se discutir a cidade como um campo para a experiência humana, tomando as diferentes narrativas que se faz da paisagem urbana como um modo de se agenciar a produção de discursos sobre a memória e o patrimônio. Para tal, a figura da Ruína é tomada como um interessante elemento de reflexão, por circunscrever o embate crucial entre memória e esquecimento. Fez-se necessário, então, pensar como os discursos sobre a cidade são produtos de concepções sócio-culturais, mas também experiências plurais que articulam percepções e afeições sobre a vivência urbana. Propõe-se, aqui, discutir a inserção da imagem fotográfica como um meio de captura de imagens urbanas em vias de desaparecimento – ruínas – e como um meio potencializador da produção de diferentes narrativas sobre a cidade.

Palavras-chave: Ruínas, Paisagem Urbana, Fotografia.

Résumé: Avec cette présentation, on a l'intention de faire une analyse de quelques points qu'ont été réfléchis sur le thème des ruines, dans une recherche antérieure. Dans ça, on a avait l'intention de débattre la ville comme un terrain pour l'expérience humaine, avec l'utilisation de différents récits sur le paysage urbaine comme une manière de faire des rapports entre la production du discours sur la memoire et le patrimoine. Pour ça, des ruines sont éléments intéressants de réflexion, une fois qu'elles inscrivent l'affrontement crucial entre la memoire et l'oubli. Alors, ce a été nécessaire penser comment les discours sur le ville sont conséquences de conceptions sociales et culturelles, mais aussi d'expériences plurielles qu'articulent des perceptions et des affections sur la vie dans l'espace urbaine. C'est proposé ici le débat sur la utilisation de l'image photographique comme un moyen de enregistrer des images urbaines en vie de disparition – les ruines – et comme un moyen de donner plus puissance à la production de différents narratives sur le ville.

Mots-clés: Ruines, Paysage Urbaine, Photographie.

Gostaria de iniciar a minha exposição com uma poesia do poeta mato-grossense Manoel de Barros (2000), intitulada “Ruína”:

* Mestranda em História pela Unicamp. Bacharel em História, licenciada em Filosofia e especialista em Fotografia – práxis e discurso. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Um monge descabelado me disse no caminho: ‘Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo.’ (p. 31).

Cartografar a cidade. Linhas, traçados e potências de afecção na percepção da paisagem. Mapas que vão sendo traçados na medida em que vão tomando forma, e que são modificados no percurso. Minhas primeiras incursões com as (e nas) ruínas se deram na cidade de Rio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul, através de um curso de extensão chamado “Fotografia e História”¹, no qual tínhamos o intuito de estabelecer relações entre estas duas problemáticas e fazer saídas de campo pela cidade objetivando capturar imagens do cotidiano do centro histórico da cidade.

A paisagem e o olhar são duas categorias que não estão dissociadas: estão sempre se refazendo. As paisagens subjetivas também são cartografáveis. As ruínas podem ser encaradas como elementos visuais desestabilizadores na paisagem, e assim o foram para mim, na medida em que me relacionava com o grupo, mas, em especial, na medida em que me relacionava com a câmera fotográfica. Como na pesquisa cartográfica a ênfase que se tem é no processo, não tanto nas respostas que encontramos, mas nas *questões* que vão surgindo no interior da pesquisa, bem como na forma como perguntamos – a partir daquilo que nos afeta – posso considerar que a constituição das ruínas enquanto meu *objeto de pesquisa* se deu de maneira cartográfica: foi através *da* fotografia – e não *sem ela* – que as Ruínas me “saltaram aos olhos”. Propondo-me uma desterritorialização na minha percepção ordinária, a fotografia revelou não somente o estado de decadência daquelas materialidades, mas trouxe à tona os seguintes questionamentos: por que eu não as havia percebido? O que elas significam? Quais processos as constituem?

Penso que a utilização da fotografia na pesquisa histórica, seja como *instrumento de captação*, seja como *objeto de estudo*, passa pela seguinte questão: trabalhar com imagem é, também, um *exercício de olhar se exercendo*. Esta é uma questão muito sutil, e pode mesmo

¹ Promovido como curso de extensão no ano de 2004, junto ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pelos professores Márcia Kuniuchi e Marcus Vinícius Spolle.

parecer retórica, mas não. Não se trata de fazer imagens de forma irrefreada – tal qual a crítica que Susan Sontag (2004) faz em *Sobre a Fotografia* – mas em utilizar a fotografia enquanto possibilidade de potencialização de pensamento, daquilo que está além do que a “encerra”, ou, como diria Roland Barthes em *A câmara clara*, procurar nela os *punctuns*, os elementos visuais que disparam um sentido *outro* na percepção, e, com isso, permitem com que se fabule um contexto para aquilo que é a sua fabricação.

Barthes (1984) afirmou:

vivo a Fotografia e o mundo de que ela faz parte de acordo com duas regiões: de um lado, as Imagens, de outro, minhas fotos; de um lado, a indolência, o deslizar, o ruído, o inessencial (mesmo que eu fique abusivamente ensurdecido com isso); de outro, o ardente, o ferido (p. 146, grifo nosso).

Estas fotografias de casas e prédios em ruínas que apresentarei são *minhas* fotos. E esta sentença não tem pretensões de arrogância. Estas fotos são *minhas* porque são imagens que me afetaram tanto, a ponto de querer materializá-las na película. Mas elas podem ser de qualquer um que por elas se afetarem, que mantiverem a sua capacidade de ferir o olhar, tão acostumado, tão efêmero.

A fotografia não é encarada, pois, como mero registro, mas também como criação. Pesquisar como se constituem as memórias sobre a cidade, e como estas são narradas, é propor uma discussão sobre a produção do olhar e do imaginário. Procuro utilizar a fotografia como potência de incitar a narração destas memórias, incitar narrativas sobre o urbano. Assim, a fotografia é utilizada em minha pesquisa como um instrumento de captação de olhares sobre a paisagem urbana, e não me desfaço das relações epistemológicas que esta utilização empreende.

Obviamente as fotografias não são utilizadas como meras ilustrações na pesquisa, elas são acompanhadas de um diálogo: um diálogo que não necessariamente as explique, mas que demonstre *novas possibilidades à sua leitura*. Temo que, para aqueles que desejam trabalhar com a relação entre Fotografia e História, ou que com esta já estejam tendo incursões, eu não necessite tornar-me repetitiva.

Como aqui tomo a imagem enquanto texto - ou seja, repleto de significados –, penso que os agenciamentos possíveis entre imagem e texto estão na linha daquilo que está fora do enquadramento, mesmo que a própria imagem seja capaz de sugeri-lo. Na concepção daquilo que se denomina *Antropologia visual*, busco enquadrar estas imagens das casas em Ruínas como elementos potentes de revelar formas sociais da percepção, mesmo que elas digam

respeito à negligência e ao esquecimento que estes espaços estão condenados. Busco, então, a subjetividade na fotografia como um meio de acesso ao “real”.

Busco encarar a paisagem como construção dada a partir de um conjunto de gestos sociais, pequenas cotidianidades ordinárias – *que muitas vezes não são capturadas pelo olhar*. Isso me predispõe a pensar que a fotografia pode servir de auxílio para a decomposição destes gestos em pequenos “frames”, que nos ajudariam a estudar o comportamento social relativo à percepção das ruínas. Neste caso, o intuito é entender como as ruínas são percebidas na paisagem urbana, quais afetos elas são capazes de incitar, e quais memórias elas são capazes de potencializar. Segundo Nelson Brissac Peixoto (2004), com as ruínas

o passado não está apaziguado. As promessas de futuro, convertido em pretérito, não feneceram definitivamente. Essas coisas aparentemente mortas são atravessadas por um rumor interior. Têm as entranhas revoltas, um lençol freático as anima. Daí seu estado de convulsão (p. 280).

É o mesmo que se tem em *Rua de mão única*, de Walter Benjamin (1987), quando este afirma:

ruínas, cujos destroços ressaltam contra o céu, aparecem às vezes duplamente belas em dias claros, quando o olhar encontra em suas janelas, ou à cabeceira as nuvens que passam. A destruição fortalece, pelo espetáculo perecível que abre no céu, a eternidade desses destroços (p. 46-7).

Ao tratar da produção de itinerários pela cidade, ou da *fala dos passos perdidos* que Michel de Certeau (2005) conceitua em *A invenção do cotidiano*, penso ser possível relacioná-la com o conceito de cartografia, e também com a noção de *produção subjetiva da cidade*. Isto porque o processo de estabelecer caminhadas pela paisagem reconfigura mapas, transcrevendo-lhes novas trajetórias, e, com estas, novas possibilidades de operação e agenciamento de olhares. São as chamadas “enunciações pedestres”, e estas se constituem por uma metáfora muito interessante, na medida em que a própria cidade é encarada como *texto a ser lido*, como *espaço a ser explorado*, e como *território a ser ressignificado*. Também como afirma Benjamin (*Ibidem*), “a cidade tornou-se em minhas mãos um livro, no qual eu lançava ainda rapidamente alguns olhares, antes que ele me desaparecesse dos olhos no baú do depósito por quem sabe quanto tempo” (p. 56).

A utilização do devaneio como acesso às lembranças – e a memória como recriação... São arranjos que a memória e a habitação vão tendo, também na elaboração de discursos sociais sobre as cidades. A fotografia é uma espécie de mediador, o “estar lá” da Antropologia

Visual, mas podemos pensar também que, como nos escreve Calvino (2004), “uma paisagem invisível condiciona a paisagem visível” (p. 24).

Estas moradas em vias de demolição são aqui encaradas como possibilidades de finitude de modos de vida sociais, sendo que estes estão, de alguma forma, enraizados num ambiente – na *casa*. Trabalho, então, com a memória, no caso das ruínas, para dar conta destas temporalidades múltiplas que as constituem, no sentido de propor também uma discussão sobre o patrimônio: o que a sociedade institui como patrimônio? Quais espaços são dignos de serem preservados? Quais relações de poder estão presentes nestes embates pela memória? Estas são algumas das questões que me pergunto.

E com isso não estou propondo ou instigando um processo de “museificação” das cidades, tão criticado pelo teórico Henri-Pierre Jeudy (2005) em *O espelho das cidades*. Como nos é advertido, “a conservação patrimonial, muitas vezes obsessiva, corre o risco de petrificar a própria cidade, que se transforma, assim, em um museu de si mesma” (JACQUES, 2005, p. 10). Pretendo, sim, propor uma desnaturalização de alguns dos pressupostos que se tornaram senso-comum nesta discussão. Dentre eles, o de que somente “profissionais” estão capazes para delimitar aquilo que é – ou não – matéria de preservação e/ ou esquecimento. Sabemos que a memória é, também, uma construção social. A instituição do patrimônio deve ser, pois, *coletiva*. Neste sentido, deve haver algum interstício entre o esquecimento e o museu: quanto a isto, a meu ver, as ruínas trazem à tona este elemento da negligência, mas são, também, espaços nos quais se percebe a *materialização do tempo* – e, justo por isso, o entendimento destas como *poéticas visuais*.

Recorro novamente ao belíssimo *cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (2004), quando Marco Pólo narra a sua passagem pela cidade de Zora:

O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. [...] Em cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória. De modo que os homens mais sábios do mundo são os que conhecem Zora de cor. Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo (p. 19-20).

No exercício de pensar a casa como metáfora para a produção de afetos e de subjetividade, utilizo-me da leitura que Bachelard (2003) faz em *A poética do espaço*, na qual afirma que o espaço não se reduz ao campo material que o constitui, mais aos sonhos que os povoam. Busco compreender a casa, então, como um fenômeno de construção e tecedura de

possibilidades da vida, pois na mesma medida em que o homem se projeta no espaço que habita, na casa, este espaço povoado de vivências e sonhos, também se projeta no homem.

Cito o autor:

Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívida”, não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. [...] E o devaneio se aprofunda de tal modo que, para o sonhador do lar, um âmbito imemorial se abre para além da mais antiga memória. [...] Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos” (BACHELARD, 2003: 25).

Neste sentido, o exercício da narração é tomado como uma luta entre permanência e esquecimento. Tal como na conceituação de memória em Paul Ricoeur, *narrar os espaços* pode ser uma forma de mantê-los vivos. Também em Benjamin (1994), no ensaio *O narrador*, para a formação da memória, há de ter uma espécie de “sedução”, colocando a narrativa no sentido de dar marcas às construções simbólicas. Como as ruínas são materialidades onde a experiência do tempo está latente, narrá-las, *através da fotografia*, bem pode ser uma sutil forma de resgatá-las de seu esquecimento, fazendo, assim, com que se efetue aquilo que nos diz Bachelard (2001): “o pensador de mundo é o ser de uma hesitação. Desde a abertura do mundo por uma imagem, o sonhador de mundo habita o mundo que acaba de lhe ser oferecido. De uma imagem isolada pode nascer um universo” (p. 167).

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, M. **Ensaio Fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Volume 1. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JACQUES, Paola Berenstein. Prólogo. IN: JEUDY, Henry-Pierre. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.
- JEUDY, Henry-Pierre. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac SP, 2004.